

UNIEDAS: Uma igreja evangélica entre os índios Terena

Grazielle ACCOLINI*

RESUMO: Aqui pretendemos descrever brevemente a história do povo Terena e, através deste quadro e principalmente dos dados coletados na aldeia Bananal (P.I. Taunay/Ipegue, MS), mostrar como estamos encarando os elementos constitutivos desta sociedade. Particularmente, estamos preocupados em estudar a inserção do fenômeno protestante/pentecostal entre eles e, para isso, concentramos nossa atenção na igreja UNIEDAS, ali presente desde o início do século. Acreditamos que a forma como este fenômeno é vivenciado por esta sociedade pode nos dar pistas importantes para compreendermos um pouco mais da atualidade deste povo.

PALAVRAS-CHAVE: Contatos interétnicos; Terena; Religião protestante/pentecostal.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa iniciada no curso de mestrado entre os índios Terena do Mato Grosso do Sul. Nossa proposta era a de apresentar e sugerir uma interpretação de como estão vivendo hoje os Terena da área indígena Taunay/Ipegue. No decorrer do trabalho conhecemos a igreja Uniedas (União das Igrejas Evangélicas da América da Sul), e igrejas de outras denominações que estão instaladas nesta área, e pudemos observar que esta igreja, em especial, possui um papel importante entre os Terena.

Mais que isso, as pesquisas de Altenfelder Silva e Roberto Cardoso de Oliveira já indicavam a importância desta área para estudo bem como a presença protestante ali; os dados conseguidos através desses trabalhos demonstravam que esta área indígena seria um bom cenário para compreendermos a atualidade do povo Terena.

A pesquisa de campo se realizou na aldeia Bananal, onde se localiza o Posto Indígena Taunay/Ipegue, que atende a toda área que abrange seis aldeias

*Doutoranda em Sociologia/UNESP - Araraquara

(Bananal, Ipegue, Lagoinha, Imbiruçu, Água Branca e Morrinho). Além dele só há um sub-posto na aldeia Ipegue, a uns quatro quilômetros dali.

O Bananal se apresentou como um campo proveitoso de pesquisa por sua posição centralizadora; ali transitam decisões, e rupturas, políticas, sociais e religiosas que influenciam não só esta reserva como outras deste Estado¹ há décadas; ali conhecemos a igreja Uniedas.

A partir das visitas que fizemos ao Bananal percebemos que a Uniedas ocupa um espaço importante, como uma das representantes do fenômeno protestante pentecostal na aldeia, onde existe também a Assembléia de Deus e a Igreja Evangélica Independente Indígena Renovada do Bananal. Sua inserção entre os Terena e a forma como é vivida e dinamizada pelos adeptos nos dá pistas relevantes para tentarmos compreender um pouco mais este povo e para confirmarmos que existem alternativas de convivência entre índios e sociedade nacional formuladas sob bases que não se enquadram nos parâmetros estabelecidos pelo pensamento ocidental.

Aqui pretendemos descrever um pouco a história do povo Terena e, através deste quadro e principalmente com os dados de campo, mostrar como estamos encarando os elementos constitutivos desta sociedade a partir de uma interpretação que acreditamos ser neste momento um caminho interessante para aprofundarmos esta pesquisa.

Nossa intenção, e neste trabalho o ponto principal, é apresentar o que temos sobre a Uniedas a fim de situá-la no universo Terena, relatando, com o consentimento dos seus adeptos, o que vimos e ouvimos sobre a Uniedas do Bananal.

Os Terena: um pouco de ontem, um pouco de hoje

Os Terena desta área indígena mantém um convívio intenso com a povoação branca da vila Taunay, a localidade mais próxima da área indígena (quatro ou cinco Km), aparentemente sem muitos atritos, pois observamos nos moradores das aldeias uma certa reserva e afastamento nas questões que ali se desenrolam.

¹ Caso da aldeia União, formada em 1946 por Marcolino Wollily; a partir de uma desavença com os católicos da comunidade, líderes protestantes, junto com suas famílias adquiriram um lote de 73 hec. nas redondezas da cidade de Miranda. (Cardoso de Oliveira.1966)

Os primeiros contatos dos Terena com os brancos nos remetem ao século XVI. De acordo com as informações históricas levantados por Oberg (1946), Castelnau (1949), Palavecino (1956) e outros pesquisadores, os Terena viviam antes de migrarem ao Brasil (século XVIII) na região chaquenha (Chaco) desde, pelo menos, o século XVI. São desta data os primeiros registros realizados por viajantes e exploradores que por ali passaram e deixaram informações sobre os Chané-Guaná, grupo lingüístico Aruák no qual os Terena são incluídos. Desde este século (XVI) os Terena mantinham contatos esporádicos com missionários católicos, porém o alcance da catequese no Chaco é difícil de ser avaliado.

Ainda no Chaco, os Terena, como os demais subgrupos Guaná, sofreram grandes influências de outras culturas; sociopoliticamente foram classificados como "nyirolola" ou "vassalos", na falta de um outro termo que expresse as relações que mantinham com os guerreiros Mbayá-Guaykurú, a quem prestavam tributos em colheitas e serviços.

A relação mantida entre os Guaná e os Mbayá-Guaykurú caracterizava-se mais pela simbiose que pela sujeição violenta. Ao contrário de outros povos, como os Chamacoco, que eram escravos dos Mbayá-Guaykurú e os Chané, escravizados pelos Guarani-Chiriguano, os Guaná mantinham suas unidades político-econômicas e articulavam-se com os Mbayá por meio de visitas periódicas. Durante estas visitas os "senhores" cavaleiros tinham a obrigação moral de presentear seus anfitriões com o que estes exigissem. (Carvalho, 1992, p.467).

Podemos imaginar o alcance da aliança entre estes dois povos através de um mito dos Mbayá-Guaykurú, onde os Guaná aparecem como os primeiros homens que foram retirados da terra pelo ser supremo deste povo, Gonoenhodi. Neste mito, que conhecemos fragmentariamente, os Guaná são tirados da terra e recebem desse ser supremo a agricultura. (Levi-Strauss, 1998, p.170).

Cardoso de Oliveira (1965/1966) e Altenfelder Silva (1949) afirmam que a sociedade Terena possuía uma estrutura social tríplice, marcada por relações assimétricas: os próprios Terena, que estavam divididos entre Naati, a nobreza e os Waherê-txané, as pessoas comuns, e os Kauti, ou cativos, que pertenciam a outros grupos étnicos. Tanto Altenfelder Silva (1949) como Levi-Strauss (1998) colocam que esta estratificação social na verdade não pertencia aos grupos Guaná, mas foi adotada dos Mbayá-Guaykurú pela proximidade com que viviam e reconhecimento da estrutura social destes, também por conta das necessidades dos Guaná frente aos Mbayá, como por exemplo, de proteção. Há também registros de matrimônios entre as "nobrezas" dessas sociedades, como os citados

por Cardoso de Oliveira.

O contato dos Guaná com os Mbayá-Guaykurú nos demonstra que muito antes da chegada do colonizador já havia um intenso intercâmbio entre essas sociedades indígenas, marcando relações e trocas que iam muito além de alimentos e proteção, produzindo transformações sociais e culturais tanto em uma como em outra dessas sociedades.

A história Terena-Guaná e Mbayá-Guaykurú nos atenta ao fato de que a mudança não chegou à América há quinhentos anos e que não estamos trabalhando com sociedades que viviam congeladas no tempo e, de repente, caíram no "quente" curso histórico sob o patrocínio da sociedade ocidental.

Viveiros de Castro, em artigo que discute a mudança no pensamento etnológico nos estudos realizados entre os povos da Amazônia na situação pós-colonial, mas que também pode se estender a outros povos em contato com a sociedade nacional, nos expõe que,

The "historical turn" of regional ethnology has led to widespread interest in the interaction between native societies and Western sociopolitical structures. ... The massive incorporation of the region into the world economy that began in the 1970s has not resulted in the extinction or wholesale assimilation of native peoples, as was once feared. ... Anthropology's response to this process has been a welcome breakdown of the traditional division of labor into specialists in "pure" and "acculturated" societies. That division of labor was characterized by an ahistorical approach, a view of native societies as passive or reactive entities, and by an orientation away from the present, whether toward a past of adaptive integrity or toward a future of disaggregation and anomie. The emergence of approaches that consider both local and global dynamics responsible for the trajectory of indigenous societies reveals an anthropology that both addresses contemporary ethnographic reality and the historical agency of native peoples. ... (Viveiros de Castro, 1996, p.192).

Queremos com isso frisar que acreditamos não ser possível classificar como culturas inautênticas aquelas que convivem e se adaptam (adaptar e não se tornar) a ordens culturais distintas da sua própria, reconstruindo sua alteridade

na mudança, mesmo que demarcando-a, conforme o contexto, com signos ocidentais do "índio". Para nós, os Terena nos demonstram a vivacidade das interações e trocas culturais entre os povos, incluindo aí suas relações com a sociedade nacional e a adoção de religiões que agora fazem parte do universo Terena.

Aliás, o contato dos Terena com a sociedade ocidental se dá, como apontamos, desde as primeiras expedições pelo Chaco; ali, os Guaná e seus subgrupos serviram a elas como guias ou abastecedores de alimentos recebendo em troca ferramentas ou prata. Alguns ainda seguiram viagem juntamente com os exploradores.

Essas relações se estabeleceram, em comparação com outros povos em contato com o colonizador, de forma pacífica, apesar da assimetria em relação à sociedade branca, e através de alianças; e prosseguiram por estes séculos de forma intensa, após a Guerra do Paraguai, nos mostrando a re-construção da identidade Terena se realizando a partir dos elementos culturais que estão em jogo, tanto provenientes do exterior como do interior da aldeia; este trabalho se dá no seio da e para a sociedade Terena através de ressimbolizações e adaptações que sejam compatíveis com a sociedade que os envolve e, claro, com sua lógica própria. Diríamos que se pode falar em uma postura Terena, essa é a mudança.

Na convivência entre este mundo se globalizando e as sociedades indígenas tentando englobalizá-lo, Sahlins (1990) assinala que

... É assim que se faz hoje à história cultural, em um intercâmbio dialético do global com o local. Pois ficou bem claro agora que o imperialismo não está lidando com amadores nesse negócio de construção de alteridades ou de produção de identidades. (Salhins, 1997, p.133).

Assim, acreditamos que a atualidade do povo Terena, e aí incluímos a religião protestante pentecostal como elemento que já é parte desta sociedade, parece se adequar, de certa forma, ao conceito de estruturas performáticas de Marshall Sahlins (1990).

Como discussão típico-ideal, Salhins (1990) apresenta as estruturas performáticas, em contraste com as prescritivas, vendo-as como diferentemente abertas à história.

Esquemáticamente, essas estruturas são definidas em relação aos acontecimentos circunstanciais, o inevitável encontro com a prática ou com os

riscos empíricos colocados às categorias culturais. Nas sociedades estruturadas performaticamente, estes acontecimentos circunstanciais são valorizados pela diferença com que se apresentam frente ao sistema constituído, enquanto as estruturadas prescritivamente valorizam tais acontecimentos pautadas na semelhança frente ao arranjo social existente.

No encontro com a prática, os acontecimentos são interpretados pela comunidade de significação e justamente por ela estes são valorizados ou não, prescritiva ou performaticamente. Esta interpretação, baseada nos significados fornecidos pela ordem cultural, se transforma num evento e adquire uma significância histórica.

Assim, para este autor, o evento é a relação entre um acontecimento e a estrutura, "... o fechamento do fenômeno em si mesmo enquanto valor significativo, ao qual se segue sua eficácia histórica específica. ..." (Sahlins, 1990, p.15)

Sahlins continua sua argumentação dizendo que mesmo sendo a cultura entendida como uma ordem de significação, os significados estão em risco na ação, "... os significados são reavaliados quando realizados na prática ...", com a cultura sendo ordenada historicamente, "... onde os sujeitos históricos reproduzem criativa e dialeticamente sua cultura e sua história através de processos de reavaliação funcional de categorias ..." (1990).

Como o evento, essas improvisações, ou a reavaliação funcional das categorias culturais frente ao empírico, não se dão fortuitamente, mas se pautam nas possibilidades de significação dadas pela ordem cultural, "... segue-se daí que ordens culturais diversas tenham modos próprios de produção histórica." (Sahlins, 1990, p.11).

Conhecendo o contexto Guaná/Guaykurú, cremos que a adoção da religião protestante pentecostal possua um papel de destaque dentro da cultura Terena, pois sugere um padrão de convivência desta com outras culturas que enfatiza e valoriza, ressimbolizando a partir dos seus significados, justamente as diferenças que lhes são apresentadas.

Assim, esta forma de religiosidade é parte do contexto da sociedade nacional mas é aceita e vivida pelos Terena, sendo as escolhas e a orquestração Terena. Se considerarmos esta sociedade como uma ordem performática, podemos salientar a importância dessa religião ali se construindo e sendo vivenciada "como a forma institucional dos acontecimentos históricos". (Sahlins, 1990, p.13).

Vendo desta forma, não podemos de modo algum encará-la como um monolito que entre os Terena se estabeleceu e perdura até hoje; ela não foi

imposta, mas sim incorporada a um outro contexto cultural e ali se transformou a partir dessa nova realidade de modo mais intenso após a retirada dos missionários norte-americanos da área indígena.

Também devemos ressaltar que esta aproximação dos Terena com formas sociais e valores da sociedade nacional lhes dá acesso a um comportamento não só adequado neste outro mundo, mas também aceito e legitimado.

Neste contexto, a religião desencadeia uma das maneiras de interpretação das circunstâncias contingentes do contato: as categorias culturais, a cultura, permitindo incorporação às circunstâncias contingentes, é alterada historicamente na ação. A religião nos ilustra esse processo, pois possibilita a assimilação e a interpretação de elementos culturais da sociedade nacional, branca, ressimbolizando-os a partir do ponto de vista Terena. Por esta via, acreditamos que a Uniedas nos dá pistas importantes da vida dos Terena hoje.

O contexto protestante pentecostal

Sabemos que esse fenômeno religioso descende do movimento cristão que teve seu início com a Reforma Protestante. Enquanto tema de investigação, ele é abordado em vários trabalhos desenvolvidos por estudiosos do Brasil e do exterior que nos fornecem informações e análises elucidativas sobre o assunto. Aqui nos deteremos na inserção e avanço desse movimento no Brasil.

Camargo (1973), em estudo já clássico sobre o protestantismo no Brasil, distingue duas modalidades importantes: o protestantismo caracterizado como de imigração e o protestantismo caracterizado como de conversão, cujas denominações são conhecidas como 'históricas', pois já se apresentavam como igrejas institucionalizadas no século XIX.

O que nos interessa em especial aqui é o protestantismo de conversão, precursor do crescimento atual do número de evangélicos no país. Este tem seu início marcado no Brasil na segunda metade do século XIX, com a chegada dos missionários norte-americanos e a formação das denominações históricas, presbiterianos e batistas, respectivamente nos anos de 1869 e 1882, no Rio de Janeiro; também temos a igreja metodista instalada no Rio de Janeiro em 1836. O ponto que devemos ressaltar é o trabalho desenvolvido através da propaganda evangélica com o objetivo de aumentar o número de conversos brasileiros.

No final do século XIX, a organização institucional de brasileiros convertidos passou a ocorrer de maneira mais expressiva, e no século XX começa a se notar os resultados do trabalho missionário e das conversões.

O grande surto das denominações históricas se dá a partir da década de 30; posteriormente houve um decréscimo no número de adeptos resultante do desenvolvimento das igrejas pentecostais, e hoje são elas as responsáveis pelo crescimento do movimento protestante no Brasil.

O movimento pentecostal nasceu nos Estados Unidos no começo deste século e, como continuidade do protestantismo histórico (Freston, 1998), suas peculiaridades se dão por ter se desenvolvido fora dele, tendo como característica relevante o fato de, desde seu início, não se organizar de forma a promover uma única instituição que o representasse. Ao contrário, acreditamos que várias igrejas o representam, autônoma e independentemente, em contextos diferentes, tanto nas formas materiais de reprodução de vida de seus adeptos, como nas concepções de mundo que os envolve.

O que nos permite classificar estas igrejas como pentecostais é a recorrência a traços doutrinários comuns a esta crença, o batismo do Espírito Santo, a atualidade dos dons do Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo.

O elemento presente no pentecostalismo que se apresenta como fator dinamizador dos processos de rupturas, cisões, marca recorrente das igrejas pentecostais, e que também parece permitir compreender a autonomia dessas igrejas, é a reivindicação do acesso direto à Bíblia, também pelos leigos. Esta característica também está presente nos movimentos religiosos de séculos anteriores que influenciaram o movimento pentecostal².

Estamos frisando a relevância com que a autonomia se coloca no pentecostalismo através da ênfase dada por cada igreja a determinados pontos doutrinários e passagens bíblicas que os ilustram e emblematizam comportamentos. É a partir desse aspecto que o fenômeno se abre e demonstra apresentar uma grande flexibilidade frente a grupos de pessoas e contextos socioculturais específicos. Nessa perspectiva, a Uniedas, como uma representante da religião protestante pentecostal, não está só.

Aliás, o caso Terena é mais um no rol de discussões sobre o relacionamento entre a religião protestante e os povos indígenas. Podemos apontar outros casos na América do Sul que também possuem uma história com missionários e igrejas protestantes e pentecostais; alguns como os Terena há mais tempo, outros onde a entrada daquelas não ultrapassa duas ou três décadas, mas cuja presença já se faz notar fortemente.

Com similaridades e diferenças marcadas histórica e culturalmente, o

² A influência do metodismo de John Wesley no século XVIII (Corten. 1996:50-53)

fenômeno protestante pentecostal entre os povos indígenas nos mostra sua grande versatilidade doutrinal e litúrgica, ao se inserir e ser reinterpretado por outras culturas. Cremos que a idéia de que, como representante da sociedade ocidental, este fenômeno possua um papel legitimador de diferenças em conformidade com o status-quo, se enfraquece quando nos deparamos com trabalhos como o de Rappaport (1984), entre os Paez e Guambianos da Colômbia, ou o de García (1994), entre os povos dos Altos de Chiapas, México.

Entre eles, este movimento religioso foi interpretado e contextualizado como um elemento de resistência, de formulação endógena e com consequências não só religiosas mas principalmente políticas. Rappaport examina em seu trabalho a natureza da resistência dos "evangelistas nativos" em diversas missões protestantes nas terras altas do sul da Colômbia, acrescentando que

... Los misioneros protestantes parecen tener gran éxito entre los Paez e Guambianos; actualmente hay aldeas enteras compuestas por pentecostales y protestantes evangélicos. Sin embargo, estos conversos realizan una cuidadosa selección entre los aspectos de la nueva ideología que están dispuestos a aceptar o rechazar. (Rappaport, 1984, p.112).

Algumas abordagens teóricas tendem a analisar os protestantes e os pentecostais entre os indígenas como fomentadores de discórdia, minando a cultura e a religião tradicional desses povos. O que esquecem é que o tradicional a que se referem é uma elaboração construída a partir do contexto de contato com a sociedade ocidental e a religião católica desde os primeiros tempos coloniais.

García tece uma crítica a esta visão colocando que,

esta idea de que los indígenas dividen a sus comunidades al adoptar una fe del catolicismo, es resultado de concebir el monolitismo religioso como sinónimo de identidad natural que no debe ser perturbada por creencias extrañas a los pueblos indios. (Garcia, 1994, p.6).

E ainda acrescenta que esta discussão nos círculos acadêmicos e intelectuais está permeada por um "inconsciente coletivo católico". (Garcia, 1994, p.13)

No México, Navarro (1984) nos descreve o sistema de cargos religiosos hierarquicamente estruturados a partir da ótica do catolicismo, que tomou ares de religião tradicional, e da política dominante, servindo como um mecanismo

de controle e conflito interno entre os Totonaca e alimentando entre eles uma diferenciação econômica e política que foi não só questionada como negada pelos protestantes pentecostais nativos.

Na mesma perspectiva, Ranger (1993) em seu trabalho sobre a história religiosa entre os povos do sudeste africano questiona o que é tratado por religião tradicional alertando para o fato desta ser o produto de uma imagem elaborada por missionários, administradores e até etnógrafos a serviço do processo colonial e embebidos pela idéia de "progresso".

Com a inserção do cristianismo entre os povos do sudeste africano, esta imagem construída a partir da ideologia oficial pretendia fazer crer que estas sociedades se encontravam esfaceladas frente a superioridade da dinâmica ocidental e que a cultura e a religião tradicionais já se encontravam destruídas; a constatação disso vinha da interpretação dada às religiões chamadas de "misturadas" etnicamente nos séculos XIX e XX.

Estes são alguns poucos exemplos de pesquisas que estão preocupadas em compreender melhor a inserção protestante pentecostal entre os indígenas e também com as leituras que se pode fazer sobre o tema. Não pretendemos aqui nos estender, mas indicar que os Terena não estão sós e que devemos estar alertas à análises que tendem a legitimar uma visão de mundo estilizada sobre os povos indígenas que não conhecem a palavra mudança incorporada a um contexto que não seja o ocidental.

Retornando aos Terena, a maioria dos dados que temos sobre a Uniedas provém da igreja presente no Bananal pois, além de termos concentrado nosso trabalho nesta aldeia, a Uniedas dali é a mais antiga das que existem na área indígena; nesta área a Uniedas também está presente em quase todas as demais aldeias.

Esta igreja nos chamou a atenção por sua estabilidade em relação ao número de fiéis, ao contrário da Assembléia de Deus por exemplo, pelo tempo em que existe no Bananal (início do século), e por se apresentar como um contraponto à religião católica.

Altenfelder Silva (1949) e Cardoso de Oliveira (1960) indicam em seus trabalhos sobre o Bananal uma forte divisão entre católicos e protestantes nas décadas de 40 e 50, ponto de discórdia que gerou muita confusão, inclusive com a formação da aldeia União.

É bom frisar que nem todos os Terena são adeptos mas estes formam um corpo coeso e respeitado na área indígena, influenciando não só o campo religioso como o político também.

Apesar das dificuldades de acesso à informações mais precisas sobre a Uniedas, podemos tentar traçar o perfil geral que a caracteriza, através da sistematização dos dados que obtivemos pela pesquisa.

Estes dados foram coletados em períodos de 94 a 96 através de entrevistas com seus adeptos e líderes, a participação em algumas atividades realizadas na igreja, como os cultos, a escola dominical, e muitas conversas informais proporcionadas pela convivência com seus adeptos.

Assim desejamos apresentar a Uniedas como uma das representantes da religião protestante pentecostal na aldeia Bananal, mas, mais que isso, uma representante Terena.

A igreja UNIEDAS da aldeia Bananal

As informações que temos sobre a fundação da UNIEDAS provém de seus próprios membros; estes nos contaram que sua fundação no Bananal se deu em 1926 pelos missionários norte-americanos. A presença deles na área, pelo que nos foi transmitido, remonta a 1912, porém ainda não tivemos acesso a nenhum documento interno que nos certifique de tal data.

Altenfelder Silva (1949) em seu trabalho sobre os Terena do Bananal, relata que em 1913 se estabeleceu próxima à povoação de Taunay a Inland South America Missionary Union; já Cardoso de Oliveira fala em 1917 e nos fornece mais detalhes referindo esta data a instalação desta entidade anglo-norte-americana pelo missionário inglês Alexander Rattray Hay na aldeia. Ali sua presença fomentou discórdias entre os novos convertidos à religião protestante, os "ditos" católicos e o então encarregado do SPI, principalmente após a conversão do então capitão Marcolino Wollily. Esta cisão interna acabou resultando na expulsão deste missionário da aldeia Bananal em 1920, sob a acusação de instigar os Terena contra as autoridades do SPI.

Este autor ainda relata que Rattray Hay se transferiu para a vila Taunay; ali levantou a sede e as casas da missão em um terreno cedido por um fazendeiro das redondezas que também era o presidente da Câmara do município de Aquidauana.

As atividades dessa entidade foram retomadas em 1925 pelos missionários norte-americanos da South America Indian Mission, representante norte-americana de uma cisão ocorrida na Inland South American Missionary Union, que originou esta denominação e sua equivalente anglo-saxônica New Testament Gospel Union.

Alguns dos membros da Uniedas nos contaram que a saída definitiva dos missionários da área se deu em 1972, dali para cá os próprios adeptos Terena é quem cuidam diretamente da igreja. Vale frisar a presença de duas missionárias do Summer Institut of Linguistic morando na vila Taunay já a anos e responsáveis pela tradução do Novo Testamento para a língua Terena.

Nos trabalhos de Altenfelder Silva e Cardoso de Oliveira não encontramos referências à Uniedas. Apesar disso e da falta de acesso aos documentos de registros, fundação e história desta igreja, podemos sugerir, mesmo que de relance, uma semelhança entre as denominações Inland South America Missionary Union e da Uniedas (União das Igrejas Evangélicas da América do Sul), além das já instigantes aproximações cronológicas nos registros dos autores e da memória Terena.

Creemos que a Uniedas faça parte da dinâmica histórica do movimento protestante que assume características distintas conforme o contexto sócio-cultural no qual se insere. O pastor desta área indígena, também um Terena, frisa sua semelhança com a igreja batista; aliás, todo o material da Uniedas, como cartilhas para a Escola Dominical e a edição de Bíblias, provém de editoras batistas.

Sobre as igrejas batistas, Corten coloca que são fortemente difundidas no sul dos EUA e agrupam dois terços das igrejas negras deste país,

... Elas são às vezes qualificadas como fundamentalistas porque são conservadoras no plano teológico e freqüentemente também no plano político. Estas igrejas são teologicamente de orientação arminiana como a maioria das igrejas pentecostais. No batismo, o batizado é instituído 'como o ato de crentes conscientes, sobre a base de uma associação numa igreja reunida'. Freqüentemente muito democráticas na sua organização interna, os batistas (como igrejas protestantes históricas) tem igualmente seu movimento de renovação carismática. Certas igrejas, como a igreja batista nacional do Brasil, são pentecostais. (Corten, 1996, p.58).

Voltando à Uniedas, esta está presente em quase todas as cinco aldeias que pertencem a área indígena Taunay/Ipegue e também na vila Taunay desde 1956, onde os líderes são Terena, mas residentes em Aquidauana, sem muito contato com o pessoal das aldeias. A relação entre as Uniedas do Bananal e da vila Taunay não é muito estreita por desentendimentos ocorridos no passado, contam os habitantes

da vila; porém não sabemos exatamente os motivos que levaram a isso.

O pastor da Uniedas do Bananal também o é das outras aldeias; morador da aldeia Lagoinha, este nos contou que esta medida foi adotada pois a igreja não possui recursos suficientes para manter um pastor em cada aldeia; ainda nos informou que há um Instituto de Teologia em Aquidauana que serve à Uniedas e a outras denominações. Porém ele mesmo se formou no Instituto de Teologia de Araçatuba, também interdenominacional.

Após passar pelo Instituto de Teologia, o pastor realizou um estágio de dois anos, durante os quais foi avaliado pela igreja. No término destes dois anos, ele foi levado até uma assembléia de “delegados” da Uniedas, onde foi aceito como pastor.

O pastor da Uniedas nos explicou que o aspecto fundamental do trabalho evangélico é a “parte doutrinária”, pois é por seu intermédio que ele obtém a base para o seu trabalho e a “conscientização” necessária para ter uma igreja forte. Por isso ele acredita que o pastor que está mais inserido nestas questões pode dar um exemplo de conduta para os demais da comunidade e principalmente para a juventude da igreja.

Este pastor ainda nos explicou que dentro dos princípios bíblicos há três grupos de salvação; iremos apresentá-los da forma como nos foi transmitido.

Num primeiro estágio se encontra o plano natural, onde se incluem as pessoas que não passaram pela conversão; logo após, o plano carnal, onde se encontram as pessoas que já se converteram, mas que ainda seguem suas próprias vontades; o terceiro plano, e mais importante, é o espiritual. Este consiste no ideal de vida do adepto; são os fiéis e convictos em sua escolha e cujas vidas correspondem ao que é pregado pela igreja como os verdadeiros princípios de Deus.

Na Uniedas temos a seguinte hierarquia: há na área indígena este pastor e em cada aldeia a Uniedas possui um grupo de anciãos; desse grupo é eleito um presidente pelos membros da igreja e pelo pastor. Este presidente fica responsável pela manutenção da igreja em todos os aspectos que a envolve e é escolhido, geralmente, de dois em dois anos ou conforme as necessidades da igreja, ou ainda podem permanecer nesta função caso todos os membros concordem.

Aos anciãos cabe zelar pelo bom andamento das atividades materiais e espirituais da igreja. Após eles na hierarquia encontramos os diáconos e evangelizadores, que, pelo que nos parece, também são diáconos.

Os adeptos da Uniedas são batizados após um ano de preparação na Escola Dominical; o pastor nos contou que eles não crêem no batismo do Espírito

Santo, pois isto não faz parte dos ensinamentos da Bíblia. Este é um dos pontos a ser averiguado com mais cuidado, pois existem ali as sessões de cura que, aliás, não acontecem durante o culto como é de costume na Assembléia de Deus e da Igreja Evangélica Independente Indígena Renovada da aldeia. Os membros da Uniedas marcam dias específicos para essa atividade. Eles alegam que com isso pretendem não “chocar” quem não entende bem o propósito das sessões e como elas são encaminhadas; por isso, as pessoas que freqüentam são os doentes, crentes ou não, e os “verdadeiros” crentes em Cristo, o que na ocasião já de antemão nos excluía.

A escola dominical funciona nas manhãs de domingo na igreja, dividida em quatro “classes”, na expressão usada por eles, que na Uniedas do Bananal possuem os seguintes nomes: a classe cordeirinho, que inclui as crianças de ambos os sexos; a Mirim, onde se encontram as moças solteiras; a Filadélfia, ocupada pelas senhoras casadas e a composta pelos homens, a Josué. A Uniedas do Bananal também possui um grupo de jovens, o Nova Dimensão.

Tivemos a oportunidade de assistir a alguns cultos, realizados no domingo. Registraremos aqui o que observamos durante estes cultos e a escola dominical, começando com esta.

Às oito horas do domingo há uma pequena abertura antes do início das atividades da escola dominical; geralmente é realizada pelo ancião-presidente ou por um dos diáconos que abre com uma oração a que se segue os hinos cantados por todos.

Logo após, o pessoal é dividido e encaminhado cada qual a sua classe da escola dominical; há cortinas no meio do salão da igreja que separam cada classe.

Todas as classes estudam e discutem passagens bíblicas; a classe das senhoras é assessorada por um diácono ou ancião; as moças ficam sob a coordenação de uma professora enquanto outro diácono ou ancião se responsabiliza pelas crianças.

Após o término dos estudos, cada grupo apresenta uma leitura ou comentário do que foi visto na Bíblia ou no Novo Testamento, ou ainda apresentam uma música que tenha tido destaque durante o encontro da classe dominical.

Quando estas atividades são encerradas, o que dura mais ou menos quarenta e cinco a cinquenta minutos, o ancião-presidente dá os anúncios da semana como, por exemplo, quem realizará o culto de oração, quando será e qual o local além de outras informações sobre o andamento ordinário da igreja. O

encontro termina como começou, com os hinos e todos cantando; algumas músicas estão traduzidas para o Terena, outras são cantadas em português.

Assistimos ao culto de domingo a noite que tem início marcado para às vinte horas; a abertura é feita pelo ancião-presidente com uma leitura ou comentário de alguma passagem da Bíblia ou do Novo Testamento, brevemente, cedendo lugar aos cantos, ponto alto do culto, com a aparelhagem de som ligada e principalmente jovens que cantavam tanto em Terena como em português, sozinhos ou em pequenos grupos, parecido com o que chamamos de karaokê.

Aliás, sobre os cantos, Corten argumenta que estes num culto pentecostal,

... são acompanhados de instrumentos diversos, o que os distingue das igrejas tradicionais em que o único instrumento era o órgão ou o harmônico. Entre esse instrumentos, o violão, a guitarra, o tambor, o bandolim e cada vez mais também o sintetizador. Às vezes também a música gravada, principalmente barroca. O estilo musical varia: do 'spiritual song', jazz, rock, discoteca ou estilo romântico (diversos). (Corten, 1996, p.60).

Esse cenário descrito por Corten é, com todas as particularidades, o que assistimos na Uniedas.

Há um grande período dedicado aos cantos e durante eles é passada uma sacolinha na qual é depositada as contribuições; nesta ocasião dá quem tem ou quem deseja e pode contribuir; essas ofertas são encerradas com uma breve oração. A maioria dos adeptos também contribuem com o dízimo, estimado em dez por cento da renda mensal da pessoa.

Como na manhã, há os anúncios das atividades para a semana e a apresentação dos fiéis que ficarão encarregados destas, como nos cânticos (quem se encarregará do acordeon, do contra-baixo), quem realizará o culto de oração, as ofertas do domingo seguinte e assim por diante.

Após esses anúncios, o secretário da igreja, que cremos ser um diácono, informa com quanto cada fiel contribuiu para o dízimo e o total deste arrecadado.

Em seguida, um dos fiéis é escalado para ler um trecho da Bíblia, geralmente do Novo Testamento, que já foi traduzida para a língua Terena pelo SIL (Sociedade Internacional de Linguística). Assim, após esta leitura o mesmo fiel realiza um comentário acerca do trecho lido enfatizando sempre as mudanças que ocorreram em sua vida após a conversão.

Outro aspecto importante do culto são os testemunhos, mas isto não

quer dizer que eles ocorram necessariamente em todos os cultos. Estes são sempre voluntários e realizados por aqueles que, podemos dizer, se encontram no plano espiritual dos princípios bíblicos. O objetivo destes é relatar e mostrar aos demais como Deus exerceu e exerce seus poderes na vida dos fiéis entregues à religião e as transformações, para melhor, que se deram a partir da conversão.

Encerrando o culto, o ancião-presidente anuncia novos cantos e transmite mais alguns lembretes. Assim, após uma oração de agradecimento chegamos ao seu final já quase as vinte e duas horas.

É interessante também colocarmos qual a disposição dos fiéis na igreja durante o culto; apesar de simples em sua configuração, ela nos mostra uma separação entre os sexos, com as mulheres e crianças (principalmente meninas) sentadas no centro e à esquerda do altar, enquanto os homens e os meninos maiores ficam dispostos à direita. Também observamos que nenhuma mulher tem participação marcante durante os cultos.

O pastor da Uniedas também nos falou sobre a conversão e que há vários aspectos que podem sensibilizar uma pessoa e convencê-la a se tornar um "crente". Ele acredita que a conversão pode se dar através dos hinos, cujo conteúdo é muito emotivo; através da cura, quando a pessoa ou alguém próximo recorre a igreja por motivos de doença e alcança a graça; ou ainda através dos testemunhos e das pregações realizadas nos cultos.

A informação que temos sobre os recursos que sustentam a Uniedas, além do dízimo e outras contribuições, também nos foi contada por um de seus membros, aliás, um dos mais empenhados na manutenção e expansão da Uniedas, como evangelizador; os recursos financeiros provinham, através da conta bancária da igreja, dos EUA, Alemanha e Japão(?). Em 1995, estes estavam restritos só aos da Alemanha. Nestes auxílios também está presente a contribuição da Presbiteriana do Brasil.

Como já mencionamos, nem todos os Terena são adeptos e devemos acrescentar que não há nenhum censo que nos indique o número exato de conversos nestas aldeias; percebemos as mudanças quando conversamos com um fiél. Aí sim, conseguimos enxergar os aspectos que diferenciam adeptos e não-adeptos na aldeia, pois não observamos uma mudança corporal significativa que os demarque, por assim dizer, dos demais, como ocorre geralmente com os conversos no espaço urbano.

Sabemos que quando da conversão, o indivíduo rompe com os vínculos de sua vida anterior a ela, mas entre os Terena isto não ocorre de forma tão categórica.

Porém, uma das grandes mudanças enfatizada por seus adeptos é a

maior aproximação com os irmãos da igreja e o afastamento de antigos grupos de convivência e suas atividades habituais.

Este aspecto da conversão é de muita importância principalmente para os homens já que o afastamento de um determinado grupo muitas vezes representa o afastamento das bebidas alcoólicas e o abandono de um vício ligado à vida anterior à transformação evangélica. Mariz coloca que "... A igreja de crente é vista como um instrumento eficiente de recuperação da dependência ao álcool ... e que oferece apoio aos familiares daqueles que tem esse problema." (Antoniazzi, 1994, p.204)

Citamos o exemplo das bebidas alcoólicas pois este foi o aspecto mais ressaltado em todas as conversas que tivemos com os adeptos Terena, e sabemos que entre os indígenas do país este é um problema sério e de difícil solução, já que o álcool também foi um dos instrumentos utilizados pela sociedade branca para a desestruturação destas sociedades.

Economicamente cremos que os adeptos da aldeia não diferem muito da clientela urbana; todos apontam uma melhora em seu padrão de vida. Isto porque, nos parece, suas rendas, que são poucas na maioria das famílias, começam a ser melhor direcionadas, pois não podemos nos esquecer que estamos tratando de uma rede de comunicação e ajuda mútua e não só de uma igreja.

Dizemos isso pois vemos que as pessoas que freqüentam a igreja conseguem, por seu intermédio, empregos ou pelo menos uma ajuda mais informal dos irmãos num momento de dificuldade financeira. Observamos também que entre os irmãos, no que concerne ao aspecto financeiro, há uma certa homogeneidade, não havendo grandes discrepâncias em seus padrões de vida, o que já notamos entre adeptos e não-adeptos.

Fator primordial e ressaltado pelos fiéis é o caráter sacral que envolve as conquistas alcançadas, ou seja, o Evangelho como máxima de vida na medida em que todas as melhorias almejadas e realizadas estão relacionadas diretamente aos poderes de Deus.

A Uniedas tem exercido uma influência importante no plano político. Toda a comunidade Terena se vê há décadas envolvida com a política regional. No entanto, como acontece com outras igrejas protestantes pentecostais, os adeptos da aldeia se voltaram à política de forma mediada pela igreja; esta se tornou uma grande formadora de opinião neste aspecto e grande aliada de candidatos, tanto no interior da aldeia, como nas eleições, por voto direto, para cacique, como a candidatos da região que conseguem seu apoio, carregando consigo um número razoável de eleitores.

Na verdade vemos que a direção de tais manifestações políticas muitas vezes provém do exterior da aldeia, dos partidos políticos regionais, mesmo que o maior enfoque recaia sobre a pessoa do candidato e o que ele irá 'prometer' à comunidade Terena como um todo; porém esta toma corpo ali dentro, através da política interna e seus respectivos representantes Terena. Também devemos acrescentar que não há uma forte fidelidade com partidos e políticas externas; o que está sempre no bojo da discussão são quais os benefícios que podem ser adquiridos pela comunidade com este ou aquele partido e seus candidatos.

Na política interna, principalmente, observamos não só a Uniedas mas também as outras duas igrejas ali presentes exercerem seu papel de orientadoras de opinião; no caso da Uniedas, durante o período da pesquisa, ela se apresentava como um apoio importante às lideranças que representavam na época o bloco da 'situação' na aldeia.

Também não podemos deixar de levantar que os membros evangélicos não abandonaram sua fé na ação dos purungueiros (feiticeiros Terena), fato importante já que estes são integrantes da antiga religião Terena.

A procura por estes curandeiros se dá em casos de doenças físicas e psicológicas ou ainda na Sexta-feira Santa, quando os purungueiros cantam e rezam a noite toda para obterem força dos espíritos que os guiam; nesta ocasião eles também benzem as pessoas que os procuram.

Poderíamos ser levados a pensar que este adepto nos casos de enfermidade procura os grupos de cura da igreja ou o purungueiro. Na verdade, pode acontecer de o "crente" recorrer aos dois sem problema algum. Isso é paradoxal se pensarmos na contraditoriedade que envolve tal ação já que, na religião protestante pentecostal, estes purungueiros poderiam ser identificados como o 'demônio'. Mas, estamos tratando com adeptos Terena e este aspecto nos chama a atenção pois a lógica Terena é que dá a dinâmica às mudanças trazidas de fora.

Assim, no caso Terena, a 'nova identidade' surgida da conversão é muito mais complexa que aquela apresentada nos adeptos urbanos, e nem poderia ser diferente.

Estamos pensando a Uniedas como uma integrante da cultura Terena, no contexto histórico de interação entre esta sociedade e a nacional, e não como um elemento próprio do ocidente que foi ideologicamente imposto aos índios; ao contrário, como acentua Turner,

... uma parte significativa das transformações sociais e culturais da sociedade nativa não é mero resultado da

opressão exercida aberta e deliberadamente pela sociedade nacional ou da exploração levada a cabo pelos representantes do capital internacional, mas é, ao contrário, objeto de um consentimento ativo, isto quando não é espontaneamente desencadeada pelos próprios povos indígenas.(Turner apud Sahlins, 1997, p.123)

Assim, vemos a Uniedas como um elemento que forma, e transforma, criativamente, sob a cadência Terena, sua sociedade.

Devemos enfatizar que aqui pretendemos dar um primeiro esboço da igreja Uniedas pois a pesquisa está em andamento e muito ainda temos a saber sobre ela como, por exemplo, no que concerne com mais exatidão à sua manutenção financeira, sua documentação e quais as outras localidades, além desta reserva indígena, da vila Taunay (a quatro quilômetros desta área) e da reserva Terena no município de Miranda (vinte e cinco quilômetros dali), onde ela está instalada³.

Referências Bibliográficas

- ACÇOLINI, Grazielle. Terena: adoção de um novo mito. São Paulo, 1996, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, Pontifícia Universidade Católica, mimeo.
- ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. Revista do Museu Paulista. São Paulo: Nova Série, v.3, 1949.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Católicos, protestantes, espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CARVALHO, Silvia M. S. Chaco: encruzilhada de povos e 'melting pot' cultural, suas relações com a Bacia do Paraná e o sul-matogrossense. In: CUNHA, Manuela C. (org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, FAPESP e S.M.C./SP, 1992.
- CORTEN, André. Os pobres e o Espírito Santo. O pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRESTON, Paul. Pentecostalism in Latin America: characteristics and controversies. Social Compass, International Review of Sociology of Religion, v.3, n.45, 1998.
- GARCIA, Carlos Martinez. Las iglesias indígenas protestantes y la situación

³Também através de informações de seus adeptos, soubemos da existência da Uniedas em Mogi das Cruzes, S. Paulo.

- politica en Chiapas. Ponencia presentada en la Third Interamerican Missiological Consultation: the social and religious significance of the growth of Latin America Protestantism. Philadelphia: october 6-8, 1994.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1ª reimpressão, 1998.
- MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.) Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NAVARRO, Carlos Garma. Liderazgo protestante en una lucha campesina. México: América Indígena, v.44, n.1, enero-marzo, 1984.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.
- _____. O índio e o mundo dos brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- _____. O dualismo Terena. São Paulo: Revista do Museu Paulista, v.16, 1965/1966.
- RANGER, Terence. The local and the global in southern african religious history. In: Hefner, R. W. (ed). Conversion to christianity. California: U. Cal Press, 1993
- RAPPAPORT, Joanne. Las misiones protestantes y la resistencia indígena en el sur de Colombia. México: América Indígena, v.44, n.1, enero-marzo, 1984.
- SALHINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- _____. O "Pessimismo Sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em extinção (Parte I e II). Rio de Janeiro: MANA, Estudos de Antropologia Social, v.3, n.1 e 2, 1997.
- VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. Images of nature and society in amazonian ethnology. Annual Review Anthropology, n.25, 1996.